

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Artes

Projeto de Graduação em Artes Visuais
Ênfase: Gravura

por

PATRÍCIA RECKI

Dr^a Maria Lucia Cattani
Orientadora

Porto Alegre, dezembro de 2004.

encontrando as razões
**palavras, pensamentos
e outras coisas**

Patrícia Recski

*Sou extraordinariamente passivo. Aceito
as coisas como elas são. Limito-me a olhar;
eu observo o mundo.*

ANDY WARHOL

Não consigo lembrar de que forma comecei a utilizar a palavra escrita em meus trabalhos visuais, mas recordo que desde a infância convivo com os livros - a biblioteca de minha casa era bem sortida. Quando bem pequenos, eu e meu irmão costumávamos brincar à noite folheando os livros preferidos. A brincadeira era a seguinte: cada imagem que aparecia era ora de um ora de outro, sucessivamente. Quem acumulasse o maior número de imagens agradáveis ganhava. E nesse folhear de páginas eu observava também as palavras, os parágrafos, os espaços na página e principalmente aqueles pedaços de texto que estão separados do corpo principal: títulos e sub-títulos, citações, o índice (que me interessava muito), o texto que descreve uma imagem, notas de rodapé, etc. A sensação de proximidade com esse universo da escrita permaneceu latente, e veio a se manifestar muito tempo depois como o foco principal das minhas escolhas visuais.

Um dos primeiros trabalhos que desenvolvi utilizando palavras foi o registro fotográfico das legendas de filmes que passavam na TV. Me interessava o que estava

sendo dito (escrito no caso) e nem tanto a imagem, fato no mínimo curioso, pois os filmes são feitos para serem vistos e escutados e não lidos. Claro que estou me referindo aos filmes atuais, os antigos pertencem à época do cinema mudo, quando imagem e palavra escrita eram complementares na história contada. Acredito que desde essa época os filmes são uma mídia que influencia não somente pela imagem, mas também por estarem tão intimamente vinculados à escrita. A artista Fiona Banner em *Car Chases (Bullitt)* transcreve a narrativa de filmes conhecidos para um conjunto de diálogos que são expostos na parede [1] e Ed Ruscha admitia que a forte influência do cinema, com suas legendas oscilantes, induziu à substituição em seu trabalho das palavras isoladas pelas frases [2]. Ele mesmo dizia: “Se fui influenciado pelos filmes de cinema, foi de forma profunda, não apenas pela sua superfície. Muitas das minhas pinturas (e desenhos) possuem panos de fundo anônimos para o drama das palavras”¹. Minhas fotografias de legendas [3] de filmes também tratam a imagem como elemento acessório ou dispensável e enfatizam as palavras e seus significados.

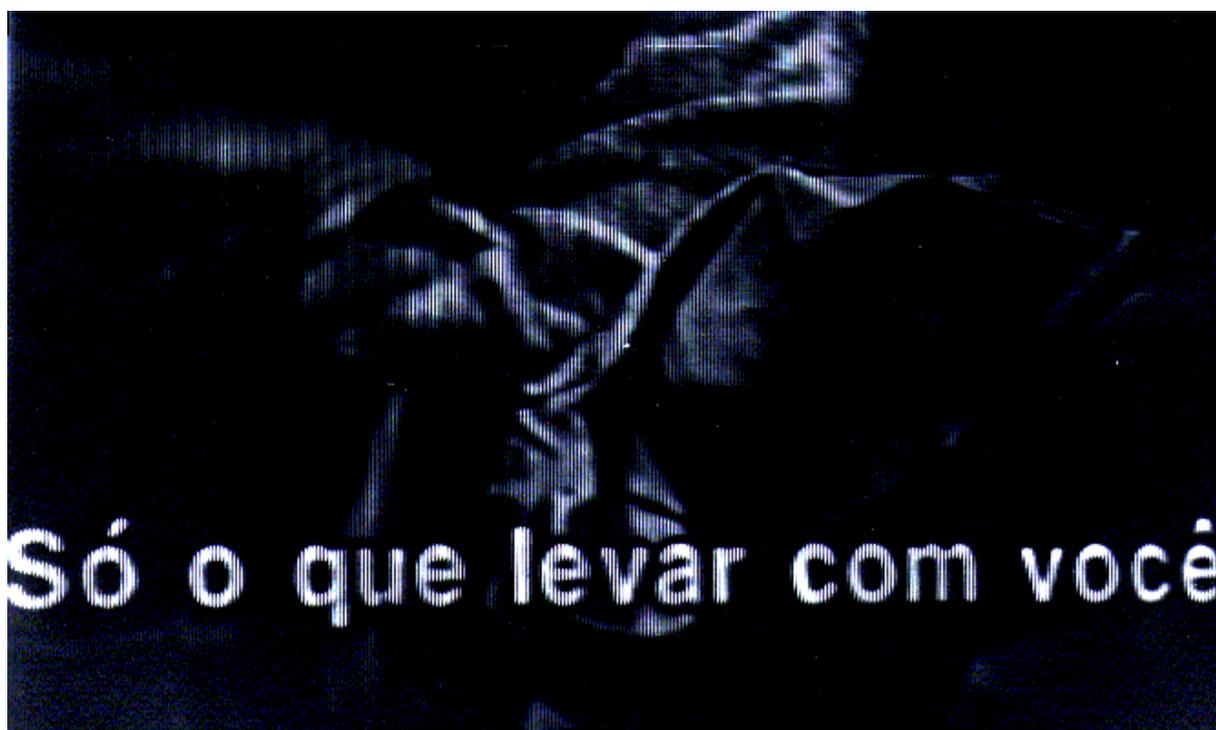
Em outro trabalho intitulado *Meu desejo não é este*, as palavras são formadas a partir do arranjo de letras [4] impressas por meio da serigrafia sobre etiquetas. As etiquetas impressas e coladas sobre uma parede originam



1 Fiona Banner
Car Chases (Bullitt) 1998
 A artista transforma as legendas de um filme famoso em uma parede de palavras.



2 Ed Ruscha
The End #23 2002
 Pintura de palavras em polímero sintético.



3 **Patrícia Recski**

Sem-título 1999

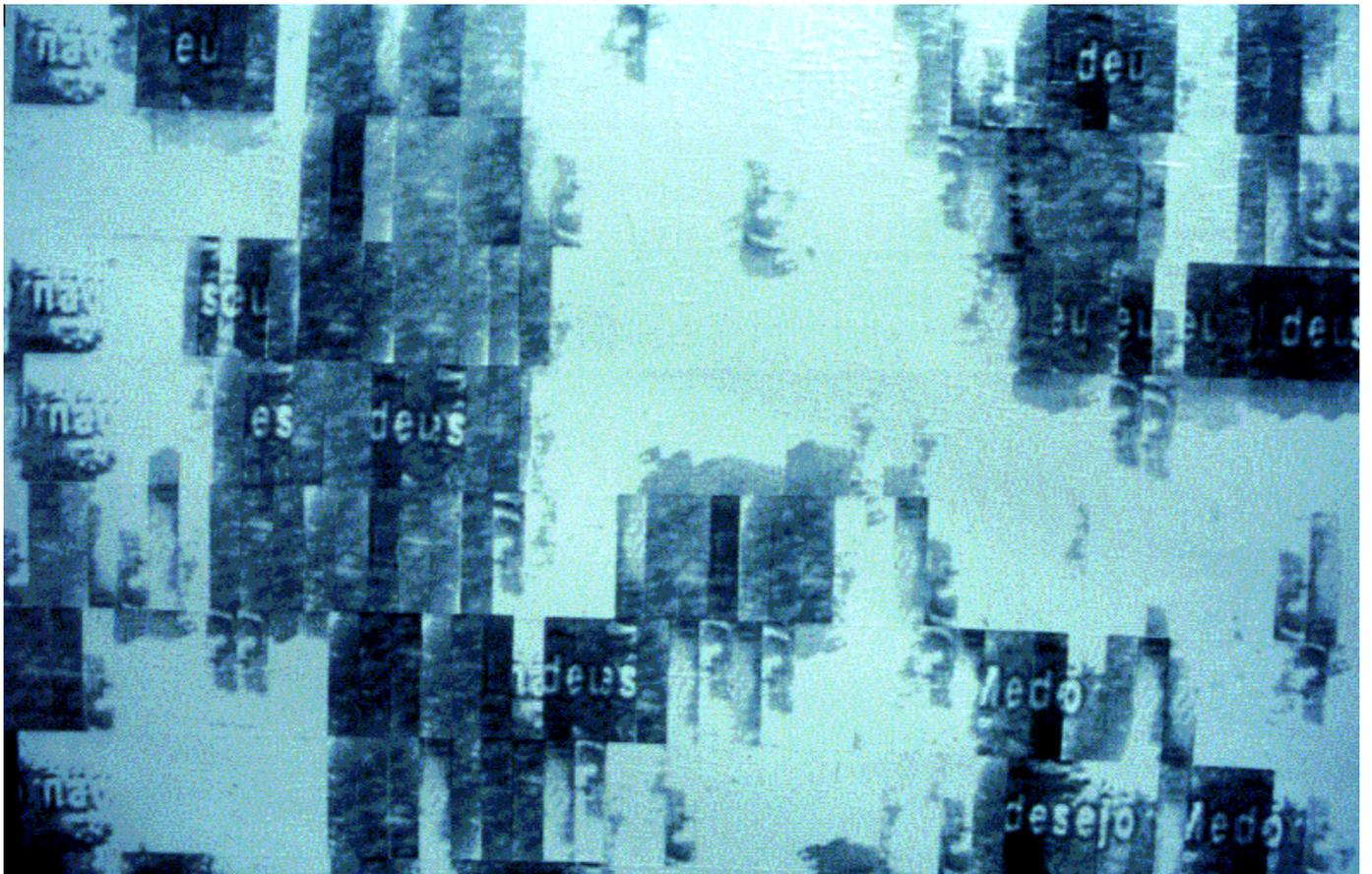
Registro fotográfico de uma legenda de filme utilizado para fazer serigrafia.

o que considero um poema visual. A partir da legenda "Meu desejo não é este" formei novas palavras - eu, deus, adeus, não... São palavras que me causam muito desconforto, certamente por representarem algumas das principais preocupações humanas. Existem palavras que me acompanham, as quais estou sempre procurando e que nunca passam despercebidas, toda vez que as acho por aí tenho muita vontade de utilizá-las de alguma forma. Essas palavras têm o poder de me transportar imediatamente para os meus questionamentos. É justamente o que ocorre nesse trabalho, a escolha das palavras, suas relações e sobreposições e os espaços entre elas formam um ritmo que indica como os pensamentos transcorreram e foram sendo concretizados de uma forma plástica. É o uso da palavra a partir do sentido, sem dúvida, mas também apesar dele.

Encontro no modo de pensar de Arnaldo Antunes um ponto de apoio. No texto *Sobre a origem da poesia* ele escreve: "O homem pré-histórico usava uma mesma e única palavra para designar manifestações muito diversas, que, do nosso ponto de vista, não apresentam nenhum elo entre si. Além disso, uma mesma e única palavra podia designar conceitos diametralmente opostos: o alto e o baixo, a terra e o céu, o bem e o mal, etc. Tais usos são inteiramente estranhos à linguagem



4 **Patrícia Recski**
Meu desejo não é este 2000
Arranjo de etiquetas impressas formando palavras.



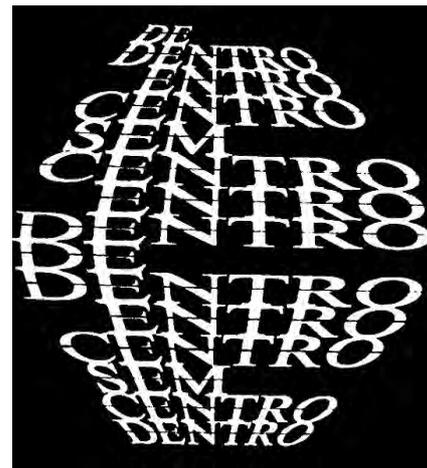
5 Patrícia Recski

Meu desejo não é este 2000

Legenda de filme impressa em etiquetas transformada em uma parede de palavras e significados.

referencial, mas bastante comuns à poesia, que elabora seus paradoxos, duplos sentidos, analogias e ambigüidades para gerar novas significações nos signos de sempre. Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis — os poemas — contaminando o deserto da referencialidade”². Um poema é um oásis, pela livre disposição das palavras que podem ser lidas em diferentes ordens, pelas possibilidades de fragmentação, cortes, recortes, arranjos e sobreposições, pelas várias alternativas que permitem - que permitem!

Da origem ao momento final, qual o nosso propósito? A complexidade se desenrola dentro dos limites estabelecidos pela finitude e temporalidade. Quem somos? Imagem? Reflexo? A necessidade de conhecer, de suprir a ausência. A tentativa de resgatar a presença não conhecida, o começo nunca ao certo revelado, o destino supostamente à espera. Todos esses questionamentos estão contidos no trabalho *Reflexos*, um conjunto de 15 pequenos livros de página única que certas vezes é um recorte de texto pouco legível [7] e noutras uma composição caligráfica enigmática. Cada página é uma monografia originada de uma ou duas chapas de cobre, de um total de uma



6 **Arnaldo Antunes**
Dentro 1990
Poema visual publicado
no livro TUDOS.



7 Patrícia Recki

Reflexos 2001

Monografia contendo texto intimista simbolizando a ambigüidade apresentada como pagina única de livro.

ou duas chapas de cobre, de um total de cinco matrizes, gravadas em água-forte. Dessa vez eu mesma realizei as cópias, bom evidenciar, porque não é o normal.

Monografia por quê? Não tem porquê. Bom, deve ter, mas não sei. Ainda. Quando vou executar não planejo, quando não vou aí sim. Ao imprimir as cópias optei naturalmente por serem únicas. Nada de medir com exatidão o local da chapa no papel, nenhuma rigidez na escolha das tintas, usei as que tinha à mão; às vezes limpava bem a chapa e em outras deixava acúmulos nos sulcos. A decisão de tornar cada monografia uma página de livro veio depois. Ao longo de todo processo aparece o caráter de arbitrariedade, há a presença da escolha com cognição intelectual, escapando da mera ordenação.

Não sou clara, em cada livro transformo a palavra escrita em um código secreto. Seleciono partes centrais de uma passagem bíblica que é impressa tanto no sentido correto como de forma inversa. Um texto pouco legível e de cabeça para baixo está destinado a simbolizar, não é para ser lido, o conteúdo que ali reside permanece trancado. Em *Zero & Not* Joseph Kosuth impossibilita a leitura do texto através da impressão de barras sobre o mesmo [8]. O fato dele apagar o

texto, segundo John Welchman, pode estar sinalizando como um novo cenário para a escrita, sugerindo uma tradução do que está atrás das barras, já que tudo que é barrado, ou melhor, negado, acaba tornando-se outra coisa. Em *Reflexos* não tenho a intensão de negar o texto, mas quero, como Kosuth, sugerir uma interpretação diversa para o texto. A intenção é associar a uma das principais, senão a maior, inquietação e busca humanas com as questões próprias da gravura. Procuro levar o observador a refletir sobre a sua própria origem, na sua criação. Somos ou refletimos? O homem é matriz ou cópia? E na gravura, quem é a matriz, quem é a cópia? Você se atreve a definir? Não seremos todos e não será tudo as duas coisas o tempo todo?

Até este momento foi realizado um apanhado de trabalhos passados que considero mais significativos e que servem como ponto de partida para a abordagem que vou desenvolver a seguir. No capítulo 2 – *Por Trás* - apresento um trabalho que foi desenvolvido no ano de 2004 e que põe em destaque uma idéia condutora através da palavra escrita. Já o capítulo 3 - *Extratos de Vida* - se refere a um trabalho que teve seu início em abril de 2003 e que não tem data prevista para seu término. Desde essa época faço registros diários de palavras, idéias, citações, pensamentos, enfim de tudo que,



8 Joseph Kosuth

Zero & Not 1986

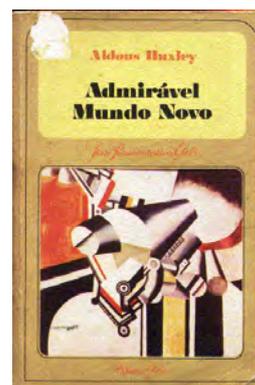
O artista desenvolve idéias que foram anteriormente exploradas em um trabalho de 1960, mas agora as apresenta relacionadas com um ambiente específico.

conforme o meu julgamento, venha a condensar em uma idéia central um transcorrer de tempo. As duas abordagens estão falando de síntese. A primeira é a respeito de uma idéia que, para mim, se sobressai no livro, e que tem a função de despertar para algum tipo de reflexão em quem as lê. A segunda é a forma como registro a passagem do tempo, a relevância, o que permaneceu na minha memória.

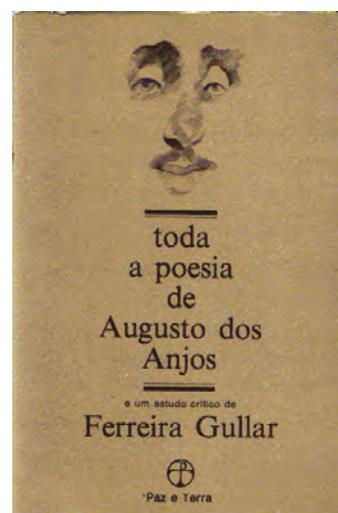
2

A matriz já está pronta. Logo que comecei a pensar no que fazer fui imediatamente para perto dos meus livros e anotações. E percorri as prateleiras da estante em busca de auxílio. Lá encontrei memórias, família, idéias ultrapassadas, esquecidas, adormecidas e novas idéias. E fiquei com vontade de utilizar algumas páginas de meus livros como matrizes das gravações que intensionava fazer. Então me veio uma sensação desagradável de estar pretendendo somente refazer o já feito. Hoje em dia, devido à quantidade inesgotável de tudo, todas as matrizes parecem já ter sido feitas, e criar nesse momento ficou mais próximo de reorganizar, transformar, destacar. Daí a descoberta da potencialidade das coisas virem a se tornar matrizes, para criar algo diverso, não novo, apenas outro. Me aproprio de cinco livros: *Admirável Mundo Novo*, *A Tragédia de HAMLET Príncipe da Dinamarca*, *Toda a Poesia de Augusto dos Anjos*, *Curso de Álgebra* e *O Sagrado e o Profano* [9-13]. A seleção dos livros obedece a critérios bem pessoais, coisas como: temáticas de maior interesse, frequência de consultas, poesias preferidas, diversas vezes lido. Quando

Por Trás



9 **Aldous Huxley**
Admirável Mundo Novo 1932



10 **Ferreira Gullar**
Toda Poesia de Augusto dos Anjos 1976

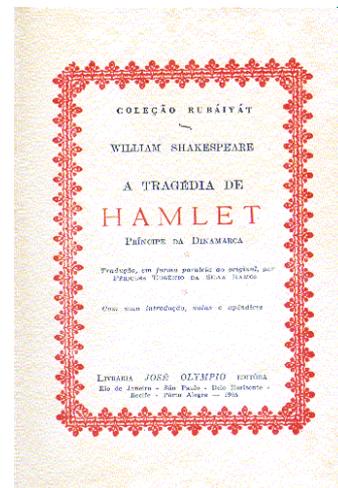
me refiro à apropriação soa estranho, pois afinal de contas os livros são meus! Mas o que ocorre é a adaptação dos livros a um novo contexto, procuro somar à força dos originais, que representam o passado, a minha forma de manipulação para obter o que quero.

- Pois seja, meu caro. Dá-me um figo.
- Aqui está.
- Divide-o.
- Está dividido.
- O que vês?
- Há umas sementinhas muito pequenas.
- Pois dessas aí, divide uma.
- Está dividida.
- E o que vês?
- Nada absolutamente.

Feita a seleção, o pior já passou. Agora basta organizar a forma de exibição. Dito assim, parece simples o nascimento visual de uma idéia. Embora para mim a parte mais nebulosa do processo criativo seja o "o quê" e não o "como", vários artistas trabalham única e exclusivamente na exploração da técnica. Conferido o devido respeito ao "como", as decisões a partir desse momento foram relativamente pouco complexas. Os livros serão exibidos dentro de caixas de acrílico transparente a fim de referenciar a matriz, a parte frontal de cada caixa possuirá a gravação de um fragmento de texto do livro, as gravações serão serigrafias. Pronto.

Na verdade, não transcorreu tudo de forma exata e precisa – graças a “deus”, as soluções também vêm de supostos erros.

O livro simboliza, dentre muitas coisas, a revelação e, por extensão, a manifestação do pensamento. “Um livro fechado significa a matéria virgem. Se está aberto, a matéria está fecundada. Fechado, o livro conserva seu segredo. Aberto, o conteúdo é tomado por quem o investiga. O coração é assim comparado a um livro: aberto, oferece seus pensamentos e seus sentimentos; fechado, ele os esconde”³. O revelado é apenas o que foi escolhido – a gravura no caso.



11 **William Shakespeare**
A Tragédia de Hamlet, o Príncipe da Dinamarca 1955

Que é um homem, se dormir e alimentar-se, apenas,
São seu bem mais alto e o preço de seu tempo?
Um animal, mais nada. ⁴⁹³ Certo, o que nos fêz
Com o dom do raciocínio, de tão largo alcance
Que vê atrás e adiante, ⁴⁹⁴ não nos presenteou
Essa capacidade ou razão divina ⁴⁹⁵
Para mofar sem uso em nós. Seja portanto
Bestial oblévio, ou seja algum covarde escúpulo
De meditar com precisão nas conseqüências,
- Meditação que há de mostrar, se for quartejada,
Uma parte de juízo e três de poltronice –
Não sei por que é que vivo só para dizer
“Devo fazer tal coisa”, pois razões possuo,
Vontade, força e meios para consumá-la...

Escolhas... “Uma vez que nos convenceremos de que nós humanos somos os criadores de nossos próprios valores, perceberemos que somos livres para escolher quaisquer valores que nos interesse ter”⁴. Para dizer a verdade, não escolhi os livros, mas sim os techos que desejava manipular visualmente por conterem idéias que sintetizam as minhas preocupações.

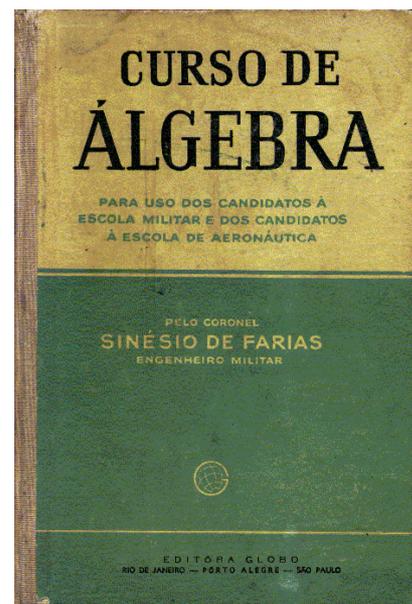
Cansada de observar-se na corrente
Que os acontecimentos refletia,
Reconcentrando-se em si mesma, um dia,
A Natureza olhou-se interiormente!

Baldada introspecção! Noumenalmente
O que Ela, em realidade, ainda sentia
Era a mesma imortal monotonia
De sua face externa indiferente!

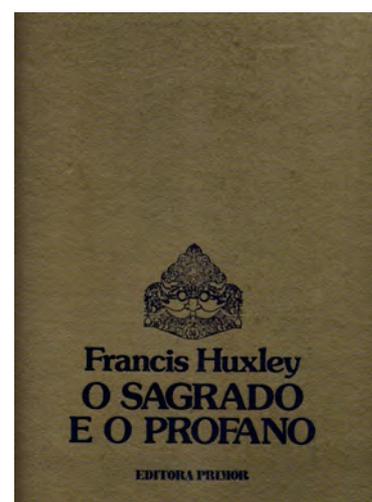
E a Natureza disse com desgosto:
“Terei somente, porventura, rosto?!”
“Serei apenas mera crusta espessa?!”

“Pois é possível que Eu, causa do Mundo,
“Quanto mais em mim mesma me aprofundo,
“Menos interiormente me conheça?!”

Os trechos de texto são destaques, não são recortes. Recorte tem a ver com o tempo, com interrupção de algo, recortar é parar uma ação continuada em um determinado instante e guardar aquele registro. Aqui trato de escolhas, decisões, da seleção de uma coisa e não outra. Ao evidenciar um



13 **Sinésio de Farias**
Curso de Álgebra 1957



12 **Francis Huxley**
O Sagrado e o Profano 1977

fragmento de um livro não estou interrompendo nada, uma vez que o livro é uma idéia fechada, imutável. O que ali está escrito não varia, permanece, todas as mudanças ocorrem do livro para fora, ou seja, a partir do leitor. Cada idéia está reproduzida serigraficamente no acrílico das caixas [15]. Bem visível agora a forte influência da arte pop e, mais especificamente, de Andy Warhol no meu trabalho. Deixe-me explicar. Não me refiro à temática, claro que não. Trago e faço uso da impessoalidade do “fazer” e do anonimato das coisas que são impressas, apareço na idéia, e somente nela. Não escrevi o livro, não confeccionei a caixa, não fiz a serigrafia. “Acho que seria sensacional se todo mundo fosse idêntico”, “Quero que todo mundo pense da mesma forma”, “Acho que todo mundo devia ser máquina” são algumas das declarações cínicas de Wahrol que também não deixam de ser idéias perturbadoras. Percebo que com esse trabalho também critico a cultura vigente. Tenho horror dela!

O Foguete Verde de Bombaim desceu do céu. Os passageiros desembarcaram. Oito gêmeos dravidianos idênticos, vestidos de cáqui, olharam para fora pelas oito portinholas da cabina – os aeromoços.

- Mil duzentos e cinquenta quilômetros por hora – disse o Chefe do Posto, em tom impressionado. – Que acha disto, Sr. Selvagem?

John achou que era muito bonito.

- Entretanto – acrescentou – Puck era capaz de dar uma volta ao redor da terra em quarenta minutos. ²

Embora muito do que faço esteja vinculado à idéia de repetição, devo dizer que considero demasiado uniforme trabalhar com o processo repetitivo. Já trabalhei assim, não me interessa mais, pelo menos nesse momento não. Não me interessa também lidar diretamente com a técnica empregada. A partir do momento que decido o que quero executar, passo a me envolver com o projeto (escala, espacialidade ou não, suportes, etc.) e com a escolha dos materiais, e transfiro a execução técnica para outra pessoa. Procuo acompanhar essa etapa sempre que possível. Warhol utilizava a repetição para enfatizar o comum, eu não utilizo mais a repetição por achá-la comum. “Embora os trabalhos de Andy Warhol sejam imediatamente identificáveis, ele se opunha ao conceito de arte como objeto feito à mão expressando a personalidade do artista. Ao fazer arte a partir do cotidiano, em suas múltiplas imagens repetidas infinitamente como trouxe a arte para as massas. Se a arte reflete nos anúncios de saturação, ele a alma da sociedade, o legado de Warhol é nos levar a ver a vida americana como repetitiva e despersonalizada”⁵ [14], afirma a doutora em história da arte Carol Strickland. Pertencço a uma época de múltiplas e rápidas escolhas. O “fazer” deve ser feito de uma vez, pois o momento da próxima escolha já se aproxima. Não há tempo para repetições!



14 **Andy Warhol**
Latas de Sopa
Campbell's I 1968
Rótulo de lata de sopa ganha status de arte como forma de contestação da estética e cultura vigentes.

nos anúncios de saturação, ele a alma da sociedade, o legado de Warhol é nos levar a ver a vida americana como repetitiva e despersonalizada”⁵ [14], afirma a doutora em história da arte Carol Strickland. Pertença a uma época de múltiplas e rápidas escolhas. O “fazer” deve ser feito de uma vez, pois o momento da próxima escolha já se aproxima. Não há tempo para repetições!

Há tempos que, aparentemente, não são semelhantes, mas tornam-se semelhantes depois de convenientemente transformados. Assim,

$$-4\sqrt{xy}, +3x\sqrt{\frac{y}{x}} \text{ e } -2y\sqrt{\frac{x}{y}} \text{ não são semelhantes}$$

aparentemente, entretanto, passando o x para dentro da raiz na segunda expressão e y na terceira, obtemos $-4\sqrt{xy}$, $+3\sqrt{xy}$ e $-2\sqrt{xy}$, que são evidentemente semelhantes.

As idéias destacadas falam do ser humano e suas preocupações. Falam de nós, da infundável procura humana e da contínua tentativa de conhecer o desconhecido. O quanto profundamente podemos avançar para dentro de nós mesmos? Haverão limites? Falam de ‘ser’ indivíduo, ou de ‘ser’ social - todos procuram pertencer e ninguém ousa ser. O que pode haver de mais autêntico do que desafiar? O que pode haver de mais progressivo que a

autenticidade? E o que pode haver de mais progressivo que a autenticidade? E falam do tempo... do tempo que acaba, e da hesitação, da oportunidade perdida, do inalterável. Qual é mesmo o preço de seu tempo? Da essência também falam, do que é antes de existir. Potencialidade. E falam de outras coisas, de tudo que puder ser lido, de tudo que há por trás do pensamento – o indizível.



15 **Patrícia Recski**
Por Trás 2004
Impressão serigráfica de texto sobre caixa acrílica transparente e livro.



16 Patrícia Recski

Por Trás 2004

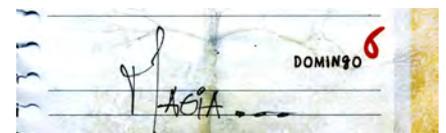
Os trechos de texto simbolizam as escolhas e as fontes originárias permanecem como referência.

3

Restos Diurnos

Tenho como procedimento desde 16 de abril de 2003 anotar na minha agenda uma palavra ou uma frase para cada dia da semana [17]. Tempo é uma métrica pessoal, mas como vivemos em sociedade (e a arte se inclui nisso) sigo o calendário gregoriano, o mais utilizado no mundo. Escolho o dia como interface temporal com o mundo externo. O dia, esse transcorrer de tempo, para mim tem a ver com a ocorrência de algo ímpar e que me desperte interesse, quando acontece algo desse tipo anoto. Parênteses aqui. Por que será que não se atribui valor à rotina? Os atos repetitivos são menos importantes do que os demais? Por certo não, embora conferimos pouco valor a eles. Fechar.

Inicialmente anotava apenas palavras, mais tarde adotei uma nova forma de registro. Coisas que são ditas, partes de conversas, trechos de livros, algo que leio na rua, coisas que eu mesma tinha anotado em outro lugar, pensamentos, citações, fragmentos bem pequenos de texto, perguntas, respostas, sensações, sentimentos. Não existe nenhuma regra rígida, anoto tudo que me desperta interesse, só isso. Pode ser pelo conteúdo



17 Anotações de palavras e frases na minha agenda.

profundo de uma mensagem, pode ser pela sonoridade de um conjunto de palavras, pode ser por que aconteceu comigo. Pode ser por vários motivos mas por nenhum em especial.

No momento, o trabalho é composto por tiras de papel em rolo carbonado de 88 mm e altura variável. A altura variável é mais um artifício para sair da métrica comum. Estou sempre tentando. Também indico a data ao lado de cada registro para que o trabalho não perca o vínculo com o tempo coletivo. Existem vários artistas que trabalham com o registro no tempo. On Kawara é um artista conceitual que pinta a data de cada dia desde 25 de janeiro de 1966 e expõe datas selecionadas ao acaso [19]. Não trabalho com o acaso, mas de forma semelhante iniciei em determinado momento um procedimento diário de registro. Já o artista Roman Opalka pinta números sequenciais em painéis desde 1965 [20]. Nesse caso os trabalhos convergem no sentido de serem procedimentos de registro contínuo sem data de término prevista.

Todas as anotações são digitadas e impressas sobre papel rolo carbonado. Apenas as cópias carbonadas são utilizadas [18], a primeira via é descartada. Certa vez, minha orientadora questionou o porquê do descarte. Não sei... a idéia de descartável já deve estar introjetada em mim, faço

03.26.04 meu deus!
03.27.04 o que vai ser vizinha?
03.28.04 sem vacilar
03.29.04 furiosa
03.30.04 0 x 0
03.31.04 quarta pela manhã
04.01.04 amortecer
04.02.04 opsl
04.03.04 sair voando
04.04.04 desculpas
04.05.04 quietinha
04.06.04 sushi
04.07.04 eu queria te contar
04.08.04 não teve aula
04.09.04 feriado
04.10.04 molduras não são margens
04.11.04 existência é reflexo
04.12.04 arquétipos
04.13.04 inerente
04.14.04 apenas para aqueles
04.15.04 exigentes demais
04.16.04 foco
04.17.04 mistureba
04.18.04 é ilusão
04.19.04 permanência atemporal
04.20.04 banho de piscina
04.21.04 curiosidade
04.22.04 preparação
04.23.04 tem muita gente
04.24.04 diversidade:
04.25.04 olhar
04.26.04 por favor!!!
04.27.04 o secreto não é gratuito
04.28.04 descobre-se no final
04.29.04 um pouco de seriedade
04.30.04 para você
05.01.04 tic-tac
05.02.04 entende?
05.03.04 eu queira
05.04.04 mudança
05.05.04 conhecimento construído
05.06.04 quinta
05.07.04 movimento não linear
05.08.04 gripe
05.09.04 legenda
05.10.04 da negação vem o desejo
05.11.04 parada
05.12.04 com o tempo
05.13.04 ocultismo
05.14.04 se isso for ctar, então tá
05.15.04 trabalho em grupo
05.16.04 suavidade
05.17.04 picasso é chato
05.18.04 desordem
05.19.04 isso acontece
05.20.04 uma nova ordem de coisas
05.21.04 beijo de língua
05.22.04 existe alguma coisa velada
05.23.04 é bem possível
05.24.04 o tempo corre ao meu favor
05.25.04 o trabalho manual é mal visto
05.26.04 os sonhos existem
05.27.04 atingiu em cheio
05.28.04 resta
05.29.04 faz falta
05.30.04 família
05.31.04 sem falar
06.01.04 tudo passa mesmo ...

18 **Patrícia Recski**
Restos Diurnos 2004
Conjunto de idéias registradas e organizadas no tempo.

automaticamente, algo tem que ser descartado. Cada tira corresponde a um intervalo de tempo subjetivo. Chamo ao conjunto de tiras de *Extratos de Vida* por serem registros extraídos de situações cotidianas mas que, devido ao seu caráter sintético, acabam virando um resumo extremo das minhas escolhas e/ou interesses. O extrato é uma reunião de idéias que passa a ter narrativa própria, cada tira ou parte de tira conta uma nova história. A seqüência abaixo

- 08.14.04 importante:
- 08.15.04 panquecas
- 08.16.04 ed ruscha
- 08.17.04 será que já passou ½ hora?
- 08.18.04 ahhhh não!

é de leitura fácil e um tanto curiosa. As idéias, embora retiradas de situações nada correlacionadas, se relacionam pela proximidade e passam a ter significação diversa da original. Vários pares data-idéia são agrupados em uma mesma tira temporal e várias destas tiras são agrupadas em um conjunto temporal. Entre cada conjunto de tiras existe um intervalo delimitador. Dessa forma transformo o tempo coletivo organizando-o conforme uma ordenação interna, e desloco idéias coletadas a partir de situações externas para dentro de uma narrativa pessoal [21].



19 On Kawara
May 19, 1991 1991
Séries em andamento que começaram em 1966, data na qual a pintura que estava sendo feita se tornou o tema.



20 Roman Opalka
1965/1-∞ 1965
Seqüência numérica registrada desde 1965.



21 Patrícia Recski

Restos Diurnos 2003

Estruturação pessoal do tempo organizado em painéis e conjunto de idéias.

Trato aqui do registro de idéias no tempo. E muitas outras coisas que surgem em anexo. Mais uma vez a palavra vem acompanhada de um pano de fundo que a apóia: o recorte sucessivo no tempo. Uma idéia por dia, várias idéias por tira, várias tiras por conjunto, vários conjuntos delimitados. É um trabalho de registro, arranjo e métrica.

4

Epílogo: Continua Depois

Nos capítulos anteriores descrevi de que forma a palavra escrita tornou-se aos poucos preponderante nas minhas soluções plásticas. Quando desvio o foco da máquina fotográfica para a legenda é a palavra que ganha maior importância e não a imagem do filme. Ao compor sentenças não lineares com o arranjo de letras impressas crio pensamentos abstratos que se misturam em ritmo e forma, mas mesmo assim o ler consegue subjugar o ver. Por vezes aceno com a idéia da impossibilidade, como nos fragmentos codificados de *Reflexos* e nos livros fechados de *Por Trás*, nesses casos a palavra embora presente não pode ser alcançada. São formas de tratar a escrita, de andar ao seu redor e experimentar o que dela posso obter.

Característica constante em toda produção é o deslocamento das palavras de contexto a fim de construir fragmentos de texto independentes e agregados de significação diversa da original. E nessa busca pelas palavras e sentidos (ou ausência deles) transito por materiais diversos que porém permanecem sempre como subservientes.

O filósofo Wittgenstein afirma: "O

significado de uma palavra é seu uso na linguagem”⁶, mas acredito que não apenas esse. É também o significado subjetivo que cada um confere a ela, é o processo pelo qual se transfere a significação própria de uma palavra para outro significado que convém apenas em virtude de uma associação mental. As palavras enquanto linguagem artística, me proporcionam maneiras de examinar e questionar como o ser humano existe no mundo é a forma que me permite expressar acerca do mundo.

Notas

1. Bill Berkson, "Ed Ruscha", em *Leave Any Information at the Signal: Writings, Interviews, Bits, Pages*, ed. Alexandra Schwartz (Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2002) 277-78; originalmente publicado em *Shift*, 2, nº 4 (1988):14-17.
2. Arnaldo Antunes, "Sobre a origem da poesia", texto incluído no libreto do espetáculo "12 Poemas para dançarmos (12 poems to be danced:2000)".
3. CHEVALIER, J. Et alli. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1998:555.
4. MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo, Edições Loyola, 1999: 174.
5. STRICKLAND, C. *Arte Comentada*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999:175.
6. Ludwig Wittgenstein, *História da Filosofia*, São Paulo, Edições Loyola, 1999:205.

Bibliografia

PARMESANI, Loredana. *Art of the Twentieth Century*. Milão, Skira, 2000.

BATCHELOR, David. *Minimalism*. Londres, Tate Gallery, 1997.

FULTON, Hamish. *walking journey*. Londres, Tate Publishing, 2002.

CELANT, Germano et alli. *Aspects of Modern Art, Art & Design Vol 5 11/12*. Nova Iorque, St Martin's Press, 1989.

MORLEY, Simon. *writing on the wall*. Los Angeles, University of California Press, 2003.

CUNHA, E.V. *Eduardo Vieira da Cunha*. Porto Alegre, Edição do Autor, 2003.

CHEVALIER, J. Et alli. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1998.

SANTOS, M.F. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. São Paulo, Editora Matese, 1963

STRICKLAND, C. *Arte Comentada*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. São Paulo, Edições Loyola, 1999.

HUXLEY, Aldous L. *Admirável Mundo Novo*. Porto Alegre, Editora Globo, 1932.

SHAKESPEARE, W. *A Tragédia de HAMLET, Príncipe da Dinamarca*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1955.

GULLAR, F. *Toda a Poesia de Augusto dos Anjos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

FARIAS, S. *Curso de Álgebra*. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1957.

HUXLEY, Francis. *O Sagrado e o Profano*. Rio de Janeiro, Editora Primor, 1977.

<http://www.arnaldoantunes.com.br>

Lista de Figuras

1. Fiona Banner. *Car Chases (Bullitt)*(detalhe). 1998. Impressão serigráfica, 130 x 170 cm.
2. Ed Ruscha. *The End #23*. 2002. Polímero sintético e tinta sobre papel, 61 x 76,2 cm.
3. Patrícia Recski. *Sem-título*. 1999. Registro fotográfico de uma legenda de filme utilizada para fazer um trabalho, 24 x 18 cm.
4. Patrícia Recski. *Meu desejo não é este*(detalhe ampliado). 2000. Serigrafia sobre etiquetas e colagem em parede.
5. Patrícia Recski. *Meu desejo não é este*(detalhe). 2000. Serigrafia sobre etiquetas e colagem em parede.
6. Arnaldo Antunes. *Dentro*. 1990. Poema visual publicado no livro TUDOS.
7. Patrícia Recski. *Reflexo #2*(detalhe). 2001. Gravura em metal, 15,5 x 10,4 cm.
8. Joseph Kosuth. *Zero & Not*. 1986. Off-set sobre papel.
9. Capa do livro *Admirável Mundo Novo*. Aldous Huxley. 1932.
10. Capa do livro *Toda Poesia de Augusto dos Anjos*. Ferreira Gullar. 1976.

11. Capa do livro *A Tragédia de Hamlet, o Príncipe da Dinamarca*. Willian Shakespeare. 1955.
12. Capa do livro *O Sagrado e o Profano*. Francis Huxley. 1977.
13. Capa do livro *Curso de Álgebra*. Sinésio de Farias. 1957.
14. Andy Warhol. *Latas de Sopa Campbell's I*. 1968. Serigrafia, 80,5 x 46,7 cm.
15. Patrícia Recski. *Por Trás(detalle)*. 2004. Impressão serigráfica sobre caixa acrílica transparente e livro.
16. Patrícia Recski. *Por trás*. 2004. Impressões serigráficas sobre caixas de acrílico transparente e livros, 31,8 x 25,7 cm 25,5 x 17,8 cm 20,5 x 15,2 cm 23 x 15,5 cm 20 x 13,5 cm.
17. Anotações de palavras e frases. 2004.
18. Patrícia Recski. *Extrato de vida(detalle)*. 2004. Impressão matricial sobre papel carbonado em rolo, 88 mm x altura variável.
19. On Kawara. *May19,1991*. 1991.
20. Roman Opalka. *1965/1 - ∞(detalle)*. 1965.
21. Patrícia Recski. *Extratos de vida*. 2003. Impressão matricial sobre tiras de papel carbonado, 88 mm x altura variável.